

Stadium

N.º 313

1 de Dezembro de 1948

Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTOS DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

Foto MONTEIRO

FELIX do Sport Lisboa e Benfica, está hoje a jogar com muita autoridade no posto de defesa central. A crítica tem-lhe feito elogiosas referências, aliás merecidas, pois Felix pode considera-se um dos bons jogadores nacionais.



Sporting não pára nem quebra

As moléstias da arbitragem corrompem o futebol português!

Crónica de TAVARES DA SILVA

A décima primeira jornada pôs de um lado os clubes de Lisboa e do outro os concorrentes da Província. Nesta luta que, agudamente, se vem travando no sentido da equiparação — Lisboa mais uma vez ficou a ganhar. Mas, verdade seja, não chega a causar espanto esse facto. Os clubes de Lisboa, com grandes populações sociativas, e uma área que enche o país de lado-a-lado, continuam a dominar a situação. Vejamos os resultados, que alguma coisa significam:

Atlético	3	—	E. C. Porto . . .	2
Boavista	1	—	Belenenses . . .	1
Sporting	7	—	Sp. Covilhã . . .	2
Estoril	5	—	Vitória (S.) . . .	0
Elvas	0	—	Benfica	1
S. Braga	0	—	Olhansense . . .	1
Lusitano	1	—	Vitória (G.) . . .	0

Quere dizer, os cinco representantes de Lisboa jogando em casa ou fora — bem sabemos que houve o benefício do Elvas no Lumiar A — conseguiram quatro vitórias e um empate, num total de 17 bolas contra 5.

Mantém-se, portanto, a supremacia da capital. Seja qual for o aspecto por que se encarem as partidas aparece, nítida e palpável, uma superioridade. Sem dúvida alguma, as equipas da Província lutam corajosamente e procuram cada vez mais aproximar-se dos Históricos. O seu esforço não resulta em vão, pois todos conhecem como é difícil passar em casa do adversário. Estamos, porém, ainda longe da equiparação.

E, já agora, queremos fazer algumas considerações sobre o assunto. Achamos perfeitamente legítimo, e até aplaudimos, que alguns clubes no seu ambiente, pelo menos, pretendam dar a réplica em condições de igualdade. Mas de af no que está a suceder — val uma grande distância!

A primeira condição para o progresso e desenvolvimento do jogo é a existência de bons campos por toda a parte. Certamente, dentro em pouco, teremos em Braga um estádio magnífico. Mas não se deve ficar por aqui. Há terrenos onde quase é impossível jogar futebol, por estarem mal-tratados e por não oferecerem condições de segurança. O público da primeira fila estende o braço e agarra os jogadores. Nem sabemos como tais rectângulos são consentidos.

Em nossas desambulações pela Província, vendo serenos e pacientemente o que se passa, temos visto coisa de pôr os tabuleiros em pé. A multidão, evidentemente, quer ver ganhar o «team» da terra, e, insensivelmente, ou não sabe ou não quer ver o que se passa em campo, levando à conta de maldade tudo quanto o adversário faz e desculpendo com um sorriso o que fazem os jogadores locais.

Dir-nos-ão que em Lisboa também

sucedem coisas desagradáveis, mas a verdade é que há uma distância infinita entre o que se passa na capital e o que se verifica noutras regiões. A razão, de resto, é simples. Num lado, os adeptos estão mais acostumados a ver futebol e sabem distinguir as faltas; conhecem as regras, e de af um maior respeito pelo adversário. No outro, não há o interesse vivo pelo futebol — mas a paixão regional.

Por outro lado, os árbitros estão a contribuir grandemente para esta simples coisa: — para que não se possa jogar futebol. E' de todos os tempos a tendência arbitral para facilitar a vida de aquele que joga em casa. Mas tudo tem um limite. O que se está a passar excede os limites do razoável. Parece-nos, ainda, que a Comissão Central de Árbitros, alheia às realidades ou não as querendo ver e enfrentar, está a contribuir poderosamente para o retrocesso do futebol. Algumas «nomeações» revelam uma falta de senso a toda a prova, e, se não se trilha caminho diferente, os clubes têm de tomar uma decisão sobre o assunto.

Em vez de se gastar dinheiro com palestras que para nada servem, seria bom e útil que se visse os árbitros na prática, organizando-se um cadastro como deve ser e fazendo a nomeação dos árbitros com a devida prudência, e não ao acaso. Andam as entidades superiores empenhadas na disciplina e no progresso do jogo, e a má actuação de dirigentes estraga o seu intento. Sabemos perfeitamente que o problema é de extrema difícil-

dade, mas o certo é que o clamor parte de todos os lados. A exclamação é sempre a mesma:

— Não pode ser! Não pode ser!

E a verdade é que juizes de campo que dão manifestas provas de falta de coragem e de aptidão continuam a dirigir partidas de futebol, fazendo cair os visitantes em verdadeiras artilhanhas. Estamos convencidos, no entanto, que a Comissão Central não deixará de ouvir este nosso grito a favor do Futebol.

A 11.ª jornada constituiu mais um exemplo frisante do que dizemos. Não nos cumpre especificar a coisa, que tratamos em tese, pois não queremos que as nossas palavras sejam levadas à conta de parcialidade. Somos dos que sabem ver um jogo a frio, mesmo quando todos parecem haver perdido a cabeça dentro e fora do rectângulo.

O desafio da Tapadinha absorvia naturalmente as atenções de domingo passado, por duas razões: não só pela influência na classificação geral, embora relativa, como pelo chamado conflito Vital, que, em boa hora, não se apresentou na Tapadinha, contribuindo esta decisão, acertadíssima, para a tranquilidade do jogo.

Era difícil a viagem do Futebol Clube do Porto à Tapadinha. O Atlético, estimulado, e bom grupo, havia logicamente de fazer todo o possível por arrancar uma vitória contra os campeões nortenhos, estes reeiros do que poderia suceder. Os acontecimentos, porém, segundo as informações mais fiéis, não tiveram gravidade — e o perigo para os por-

Visado pela Comissão de Censura

tuenses veio, afinal, do lado do árbitro.

Quanto ao resultado, deve afirmar-se que os alcantarenses fizeram o possível por merecer 3-2. A sua primeira parte foi boa, pujante, superior à do adversário. Depois, o desgaste operou, ao reagir o Porto, forte e de maneira impressionante, e faltaram pernas aos donos da casa para impôr o equilíbrio.

E' pena que o futebol não possa jogar-se sempre em ambiente sereno e o mais imparcial possível. Também do campo do Bessa alguma coisa se poderá dizer a tal respeito. O Belenenses começou a jogar francamente bem — o golo inicial assim o prova! — mas depois desorientou-se. Era difícil manter-se com unidade. O entusiasmo dos boavistas cresceu, o público agitou-se e o juiz de campo contemporizou. Convinhamos que é extraordinariamente difícil manter a unidade em ambiente hostil. Alguns resultados que se verificam causam admiração, a todos dizem: — Mas como foi possível o grupo tal perder em tal campo? A verdade, pura e simples, é que o espanto deixaria de existir se os adeptos pudessem assistir aos desafios. O mais extraordinário do caso é que há pessoas, das que escrevem nos jornais, que também se comportam como se fossem adeptos ignorantes e exaltados, levando a sua paixão ao ponto de se enfurecerem com os jogadores.

Voltando ao empate do Bessa, queremos dizer que o Boavista não soube tirar partido do seu domínio territorial — a desarticulação do Belenenses, em certo trecho, foi patente — mas que tanto podia ter ganho um como outro dos «teams». Os lisboetas tiveram o triunfo nas mãos no último minuto, e deixaram-no fugir.

A história do Estádio Alvalade é fácil de contar. Os covilhanenses jogaram com enorme entusiasmo, querendo ao menos demonstrar que sabem do jogo. A verdade, no entanto, é que eles não conseguiram resistir aos «edões» — que se apresentaram com as belas camisolas de um passado que vive na saudade de todos nós! — logo que a máquina sportingista começou a trabalhar em cheio.

O Estoril, a magnífica revelação desta época, continuou a dar mostras de grande poder e eficiência. A sua linha da frente sabe jogar — qualquer coisa de notável! — e o grupo revela harmonia. A verdade é que, mesmo estranhalhado, com médios de ataque de recurso, o Estoril manteve a homogeneidade do seu futebol. Os setubalenses portaram-se com galhardia, mas pouco conseguiram fazer!

O Benfica continua a estar longe do «team» que os seus numerosos adeptos desejariam ver. Os novos

A "graça" da semana



— Finalmente... «bons amigos»!

Classificação Geral

SEGUNDA DIVISÃO

	CASA					FORA					TOTAL				
	J.	V.	E.	D.	B.	V.	E.	D.	B.	V.	E.	D.	B.	P.	
Sporting	11	6	—	—	39-9	4	—	1	12-5	10	—	1	51-14	20	
Estoril	11	4	2	—	20-6	3	—	2	15-13	7	2	3	35-19	16	
F. C. Porto	11	4	—	1	15-5	3	1	2	12-8	7	1	3	27-13	15	
Benfica	11	3	1	1	12-4	3	1	2	8-10	6	2	3	20-14	14	
Sp. de Braga	11	3	2	1	8-5	2	—	3	8-13	5	2	4	16-18	12	
Belenses	11	3	—	2	15-8	2	2	2	11-8	5	2	4	26-16	12	
Atlético	11	4	—	2	16-17	1	1	3	8-14	5	1	5	24-31	11	
Vitória (G.)	11	3	1	—	12-5	1	1	5	6-15	4	2	5	18-20	10	
Olhanense	11	3	—	2	18-13	1	2	3	5-8	4	2	5	23-21	10	
Lusitano	11	3	1	2	6-5	—	2	3	6-19	3	3	5	12-24	9	
Elvas	11	2	2	2	12-10	—	2	3	7-14	2	4	5	19-24	8	
Vitória (S.)	11	2	—	3	7-7	1	—	5	3-23	3	—	8	10-30	6	
Boavista	11	2	2	2	14-13	—	—	5	5-32	2	2	7	19-45	6	
Sp. da Covilhã	11	2	1	2	8-5	—	—	6	6-20	2	1	8	14-25	5	

elementos, apáticos, não conseguem fazer esquecer os antigos jogadores e o nome destes, insensivelmente, surge na lembrança dos aficionados.

O «time» do Benfica é isto: assenta em Francisco Ferreira e em Félix, e depois tem uns jogadores mais ou menos razoáveis: uns que parece não terem empenho pelo jogo e outros que não têm condições. Assim, dois homens quitam energias e trabalham para todos os outros. Ora, tal não poderá suceder indefinidamente...

O Elvas fez uma exibição honrosa, posto que caracterizadamente destrutiva. O ataque não conseguiu a penetração demonstrada nas Salésias. Todos eles, os elvenses, mostraram-se valentes e cheios de fôlego, emprestando ao encontro a característica pura de competição: rapazes fortes e decididos, conseguiram várias vezes ter na mão a corrente do futebol. Estamos em crer que, no seu ambiente, as possibilidades do Benfica seriam diminutas. O dr. Ayala Boto, pela Direcção Geral, está a proceder a um inquérito em Elvas no qual devem gradas figuras, e veremos o seu desfecho.

É justo que se tenham palavras de estímulo para o Olhanense que, havendo começado mal, está a aperfeiçoar-se em termos de manter um ritmo de futebol que consegue destruir, em certos períodos, o poder do adversário. Os bracarenenses, admiráveis de vitalidade, dominaram em território, obrigando a defesa algarvia a um trabalho de todos os momentos. No Algarve, o Lusitano pôs fora de combate, com muito ânimo, os homens aguerridos de Guimarães.

A 11.ª jornada parece confirmar que tudo indica uma posição de grande favoritismo em relação ao título. O Sporting não pára nem quebra. A confirmar-se isso, ficam ainda o siliante de duas lutas: uma para o 2.º lugar, a que chamaremos o sub-campeão; outra na zona dramática dos últimos lugares, o último e o penúltimo.

As alterações principais que se verificaram na Tabela são as seguintes: o Estoril trocou com o Porto e vive agora no 2.º lugar, um posto de honra; Benfica permanece em 4.º; e Belenses subiu para 5.º trocando com Braga. Atlético ocupa o 6.º ponto, havendo desido dois degraus o Guimarães. O Olhanense deu um pulo grande, guindando-se ao 8.º lugar. Covilhã está isolado, como lanterna-vermelha, e Boavista por efeitos do empate esgoelrou-se um pouco. Setúbal também passa uma vida amar-

MARCADORES

- Com 25 golos:**
Fernando Peyroteo (Sporting).
- Com 15 golos:**
Mota (Estoril).
- Com 10 golos:**
Boarenço (Estoril).
- Com 9 golos:**
Franklin (Guimarães).
- Com 8 golos:**
Vieira (F. C. Porto); Sidónio (Belenses); Corona (Benfica) e Araújo (F. C. Porto).
- Com 7 golos:**
Albano, Vasques e Travaços (Sporting) e Carlos Ferreira (Covilhã).
- Com 6 golos:**
Emíliao (Olhanense) e Angelino (Lusitano).
- Com 5 golos:**
Joaquim Correia (Sporting); Sanfins (F. C. Porto); Patalino (Elvas); Vieira (Elvas); Serafim (Boavista) e Ben David (Atlético).
- Com 4 golos:**
Frederico (Sp. de Braga); Raul Silva (Estoril); Macedo (Lusitano) e Vicente, Nunes e Narciso (Belenses).
- Com 3 golos:**
Custódio (Guimarães); Barbosa, Gregório, Simões, Armando Carneiro e Martinho (Atlético); Melão (Benfica); Oliveira (Elvas); Caiado e Lourenço (Boavista); Mário (Sp. de Braga); Soares Carmo e Cabrita (Olhanense); Livramento (Covilhã) e Lino (F. C. Porto).
- Com 2 golos:**
Moreira, Salvador e Joaquim Paulo (Olhanense); Fidalgo (Belenses); Diamantino e Alvaro Pereira (Sp. de Braga); Teixeira da Silva e Teixeira (Guimarães); Jilão (Benfica); Almeida (Lusitano); Alcino (Boavista); Armando, Vasco e Campos (V. de Setúbal) e Alberto e Heralmi (Estoril).
- Com 1 golo:**
Vital, Romão e Fandião (F. C. Porto); A. Marques, Cassiano, Joaquim e Daniel (Sp. Braga); Nunes, Sousa, C. Santos e Vieira (Estoril); José da Costa, Rogério, Francisco Ferreira, Espírito Santo e Arsenio (Benfica); Vieira, Barros e Garcia (Boavista); Matos, Rebelo, Duarte e Frade (Belenses); Martins e Canário (Sporting); Briso (Guimarães); Acácio e Gomes (Olhanense); Pinalho, Tomás, F. da Silva e Costa (V. Covilhã); Massano, Manuelito, Ferramenta e Carvalho (Elvas); Canilhas, José Lopes, Nunes e Barros (Atlético) e C. Pereira, Rendas, Pina, Albuquerque e Primo (V. de Setúbal).

(*) — Marcados nas próprias redes.

gurada. Já o Lusitano e Vitória de Guimarães estão um pouco mais tranquilos.

Enfim, de um momento para o outro tudo muda. Como nas mágicas. E' no fundo o futebol!

Começa a esclarecer-se a situação

Os resultados do último domingo, concedendo vitórias ao Famalicão, ao campo do Académico, ao Oliveirense sobre o Vianense, no seu terreno, ao União contra a Académica, ao Portimonense no ambiente do adversário, ao Oriental que continua a comandar a situação na sua zona—parecem conduzir à ideia de que comecem a esclarecer-se posições.

No Norte, porém, nas zonas A e B, podem subir ou descer vários concorrentes. O Académico de Viseu está de novo em 1.º lugar, com um ponto sobre os estudantes de Coimbra, mas talvez seja difícil evitar que ambos estejam presentes no apuramento final. Na zona A, a derrota do Vianense em Oliveira de Azeméis e o facto do Famalicão ganhar no Lame, terá contribuído para distanciar já duas equipas e reduzir as possibilidades de uma outra, séria concorrente.

Na parte que interessa a Lisboa e arredores, vê-se o Oriental declinado, disposto a ganhar sem discussão, sellando obstáculos meus—

que não deve ter sido o caso do Casa Pia, domingo findo. O G. D. do «Cuj» foi ganhar ao Montijo, resultado interessante, mesmo bom, enquanto que o Cove da Piedade perdeu novo ponto e o Barreirense mais dois.

Lá para o extremo sul, o Portimonense assegurou em definitivo o seu lugar, mostrando-se os outros adversários sensivelmente mais fracos.

Vejamos agora os resultados gerais da jornada nas 4 zonas:

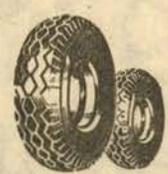
Académico ..	3	—	Famalicão ..	4
Leixões	7	—	Sp. Fafe	2
Senjoanense ..	2	—	Vila Real	0
Oliveirense ..	2	—	Vianense	0
Un. Coimbra ..	1	—	Académica ..	0
Ferroviários ..	5	—	C. Branco	1
Naval	1	—	Acad. Viseu ..	1
«Leões»	7	—	G. Alcaboga ..	2
Oriental	4	—	Casa Pia	0
F. Benfica	1	—	C. Piedade ..	1
Montijo	1	—	Cuj Barreiro ..	2
Luso Barreiro ..	1	—	Barreirense ..	0
B. Esperança ..	2	—	Portimonense ..	3
Moura	1	—	Desp. Beja ..	1
U. Montemor ..	4	—	Porteleirense ..	2
Sp. Ferense ..	5	—	Campomaior ..	0



**PNEUS
E
CAMARAS DE AR**

MABOR

Produção da
**MANUFACTURA NACIONAL
DE BORRACHA**



A VIDA de MARIANO Amaro

CONTADA POR Ele E ESCRITA POR PITTA CASTEJEJO

II



a entregar-se à sua brincadeira predilecta.

Na escola 10, sita na Costa do Castelo, recebeu Amaro os primeiros ensinamentos. Aí começou a sua formação espiritual, cedo se revelando em estudante cumpridor e ávido de saber.

Enfim... futebol com bola própria

Aos treze anos, Mariano ingressou no Sporting Clube da Adiça, o clube do seu sítio, onde já alinhava seu irmão António o melhor e mais eficiente executante da equipa. Alvaro, ainda «pequeno» era a «mascote»-João equipado, com uma bola de cautchú e em terreno próprio; como era diferente!...

Aos domingos era certo, não faltava um jogo. A rapaziada da Adiça estava sempre em «forma» para defrontar as outras equipas do bairro. Mariano era dos mais entusiastas.

A sua compleição franzina, parecia mais robusta quando jogava, quando tinha a bola ao seu alcance. Ocupava o lugar de interior, fazendo indistintamente qualquer dos lados.

Aí se começou a revelar um «garoto» cheio de habilidade, fazendo-se notar pela facilidade com que dominava a bola, pela subtilidade que imprimia às jogadas, pela aparente facilidade com que «burlava» a defesa contrária.

Três anos volvidos, vestiu a equipa do Grupo Desportivo Adicenses, clube inscrito em terceiras categorias no Campeonato Promocionário da A. F. L.

As excelentes qualidades reveladas, aperfeiçoaram-se no contacto com os elementos de maior valia não tendo o seu irmão mais novo ingressado neste clube. O mais velho havia já abandonado a bola devido a uma doença óssea. Todavia, para que não fosse o único da família, um seu tio, também fazia parte da equipa, embora deva elucidar-se que já era jogador quando Amaro entrou.

Durante a semana, os jogos na rua continuavam e serviam de treino. Claro que, eram muito diferentes, mas, mesmo assim, não esfriava o entusiasmo; ao invés, redobrava.

Garotices... sem punição

Durante esses animados e ruidosos encontros disputados entre o grupo do páteo e o da Adiça (Mariano pertencia ao primeiro, no

Campo do Adiça, que era nem mais nem menos que a Calçada de S. João de Praça, verificaram-se dois episódios que pela sua infantildade não resistimos à tentação de revelar.

Costumava assistir a estas «jogatansas», uma velhota matreira, que, com o ar mais cândido, sentada no degrau da porta, seguia a evolução dos rapazes e acompanhava atentamente a trajectória da bola de trapos, que apanhava quando passava ao seu alcance, fazendo desta forma, com que o jogo acabasse decisivamente.

Uma bola confeccionada por Amaro, com todo o carinho, seguia certo dia, o mesmo caminho de tantas outras. Aborrecido com esta atitude, o «garoto» traquina resolveu pregar uma partida à velha e se bem o pensou, melhor o fez.

Após prévia combinação com o chefe dos «miudos» adversários começou o jogo, com a inevitável presença da fiel espectadora, que aguardava pacientemente o momento de intervir.

A certa altura, Mariano apossou-se da «trapeira», seguiu «ribaldando» todos os adversários que lhe surgiram pela frente e caminhou em direcção da velhota. Esta julgando a ocasião propícia, estendeu o braço e deitou a mão à bola... que não conseguiu apanhar porque um valente pontapé, deixou essa mão contundida e a sua dona torcendo-se com dores.

A velha começou a gritar e a «malta» rapidamente dispersou, para evitar a polícia.

Pelo sim pelo não Mariano foi deabalado até ao Seixal, terra dos seu pais, onde se conservou, «em estágio» durante 15 dias...

Daí para o futuro, já os desafios não tiveram a presença daquela «simpática adepta».

Num outro encontro, quando a animação atingira o auge, é dado o sinal de alarme: Polícia.

De facto fora estabelecido um cerco à «miudagem» atrevida que actuava nas «barbas» da autoridade.

Era inevitável a debandada e Mariano foi dos primeiros a dar o exemplo, caminhando rapidamente para o tel do chão da sua casa, seguido por dois companheiros que não podiam «furar» o cerco.

Entraram os três de rompante pela casa dentro, seguido por um polícia, nos seus calcanhares.

(Continua no próximo número)

Vão decorridos trinta e quatro anos. No pitoresco bairro de Alfama, num prédio de linhas simples e de aparência modesta, vivia um casal feliz.

Naquele recanto de Lisboa, as almas compreendem-se, cimentam-se amizades e, no passado como no presente, todos se conhecem, todos se estimam e as várias famílias formam como que uma família única e numerosa.

As alegrias e as tristezas de uns, são partilhadas pelos outros e a vida honesta e límpida é conhecida tão em pormenor nos lares alheios como se não houvesse paredes a separar os diversos agregados familiares.

É frequente, à noite, quando o calor aperta, vermos sentados à porta das casas, homens, mulheres e crianças, numa identidade completa de sentimentos, revelando o seu estado de alma, numa confiança que é sintoma daquela ingenuidade própria do excelente coração do povo português.

Como raramente aquelas ruas apertadas são invadidas pelos automóveis, as crianças brincam descuradamente na via pública, vigiadas pelo olhar atento das mães que costumam nos degraus das portas.

No dia 7 de Agosto desse ano de 1914, houve um acontecimento festivo, que veio tornar mais slacre e mais festivo o ambiente que se desfrutava em determinado lar.

Um novo ente rosado e robusto, nascera para a vida. Houve festa rija, alegria a rodos!

O filho do casal, estupefacto, não se apercebia como de improviso, lhe surgia um irmão.

O tempo na sua marcha ritmada foi passando e o pequeno Mariano cresceu e passou por aquelas múltiplas fases que tocam a todas as crianças. Chegou, anos depois, a demonstrar a mesma surpresa que sentira o seu irmão mais velho, quando um novo manito veio aumentar a prole.

Teve trinquinices que ora caíam no agrado dos pais e eram motivo de contentamento, ora eram punidas com uns açóites bem puxados, a lembrar que os meninos não devem cometer más acções.

Os três irmãos davam-se às mil maravilhas e formavam um grupo encantador, que a própria vizinhança admirava e acarinhava.

Cedo, porém, se começou a revelar neles, aquela intuição nata, que com a passagem dos anos mais se radica e confirma, para preferirem a bola, a todas as demais brincadeiras próprias de crianças.

Os automóveis de folha, os cavalos de papelão e os soldadinhos de chumbo, eram modesto inactivo para os seus entretenimentos.

Como se uma vontade única imperasse naqueles três cérebros, os olhos brilhavam de aprazimento, as faces atingiam-se de uma coloração diferente da habitual, quando uma bola de borracha, polícroma, lhe caía ao alcance das mãos.

Não se fartavam de a ver rolar pelo sobrado da casa, de a pontapear no empedrado da rua!

António, Mariano e Alvaro, cresceram.

A «mania» pela bola subsistiu e cada um deles, sabia aproveitar todos os pretextos para se dedicar à sua «paixão» favorita, naquelas improvisados campos de futebol, que são as ruas dos nossos bairros mesmo centrais.

Para dar pontapé tudo lhes servia: bocados diminutos da madeira, caixas de fósforos, pedras pequenas, latas de graxa e finalmente, bolas de trapo, aquelas bolas que, ainda no presente, são o grande aliciente da rapaziada.

Que de clamores não houve naquela casa, ao verificarem-se os apreciáveis estragos que acusavam as biquitras das botas!

O pequeno Mariano, irrequieto, buliçoso, vivo e endemoninhado era um autêntico «terramoto». Não tinha descaço. Numa ânsia crescente de estar em contacto com a bola, aproveitava todas as ocasiões para, com a «malta» do sítio, realizar desafios intermináveis, em que as horas corriam céleres e o seu fim só era atingido pela brusca intervenção dos pais ou... da polícia.

Então era a debandada. Cada um fugia para seu lado, qual bando de perdais assustados. Mas nem o temor dos agentes da ordem, nem a severidade do castigo imposto pela família, travavam a tendência cada vez mais arrojada no espírito de Mariano, que com olhos vivos, voltava novamente, passado o «mau tempo»,



A família de Amaro reunida num dia de festa. Mariano Amaro, aquele que havia de ser um grande internacional de futebol, é o primeiro do lado direito, na primeira fila. Tinha então cinco anos



Barros, do Boavista, remata com decisão. Mas a bola não foge à defesa de Belém



Feliciano, um grande jogador, impõe-se numa bola alta



O tento do Boavista. O entusiasmo de Caido é grande. Repare-se na curiosa posição do guarda da P. S. P.



Uma excelente defesa de Sério

O BOAVISTA empatou 1-1 com o BELENENSES



Fotos MARQUES DE CARVALHO



CAMPEONATO DA F. N. A. T.

Prosseguiu no último domingo o campeonato da F. N. A. T. tendo-se verificado os seguintes resultados em 1.ª categoria: H. Vaultier-Profissionais de Cinema, 0-2; Lusalite-Textil Sedeira, 6-1; Bairro da Boa Vista-Fábrica de Sacavem, 2-0. Publicamos uma fase do jogo Vaultier-Profissionais do Cinema o grupo vencedor. Como nota curiosa: há 2 mos que Vaultier não perdia. Ao lado dos cinemas» vê-se Paciência, seu treinador.



Benfica e Académica confraternizam

Em Coimbra, foi o Benfica admiravelmente recebido pela Académica. Os dois grupos confraternizaram, como se vê. Em cima estão os dois grupos reunidos; ao lado, uma fase do jogo (6-6); em baixo, Costa e Sousa, director do Benfica, agradece o acolhimento académico.

GRANDE ANO

para o atletismo

A tradição quer que o ano olímpico seja sempre ano de acentuado progresso nas marcas do atletismo mundial. A temporada de 1948 não faliu às previsões e os melhores resultados registados ficam, em muitas modalidades nos primeiros pontos da lista das melhores marcas de sempre, como vamos passar a ver.

Nos 100 metros, dois homens, o panameano La Beach e o americano Ewell, igualaram os 10,2 s., que são recorde do Mundo; outros dois corredores, Patton e Dillard, alcançaram 10,3 s.

Em 200 metros foi batido por La Beach o recorde existente, fixado agora em 20,2 s.; o americano Napier foi creditado em 20,5 s. (tempo superado apenas por seis campeões) e cinco outros seus compatriotas correram a distância em 20,6 s.

Também caiu o recorde dos 400 metros, que Mac Kenley fixou em 45,9 s.; outro jamaicano, Wint, correu em 46,2 s., que é o sexto resultado mundial. Mais três americanos alcançaram menos de 47 s.

O melhor tempo em 800 metros pertence ao francês Hansenne, 1 m. 48,3 s., e fica classificado imediatamente após o recorde de Harbig; Whitfield, Bengtsson e Wint conseguiram menos de 1 m. 50 s., o que até este ano só tinha especialistas haviam atingido.

O mesmo Hansenne igualou o mínimo universal do quilómetro, mas nos 1.500 metros o êxito foi menor, pois Strand, o melhor corredor da época, ficou a 4,6 s. do seu próprio recorde do Mundo.

Registamos de passagem os 5 m. 7 s. do belga Reiff nos 2.000 metros, batendo por 4,8 s. o precedente recorde e passemos à légua, onde Zolopez ocupa o primeiro posto com 14 m. 10 s., mais 1,8 s. do que o seu mínimo de 1947, que é o segundo resultado mundial. O sueco Ahlden e Reiff vêm em seguida, passando a ocupar na escala mundial os 6.º e 8.º lugares.

O checo Zolopez aparece de novo à cabeça nos 10.000 metros, com 29 m. 37 s., segunda marca mundial, seguida pelo actual recordista Heino.

Dillard estabeleceu novo mínimo mundial nos 110 metros-barreiras, com 13,6 s. e o antigo recorde foi ainda igualado por Scoll.

Nos 400 metros-barreiras, finalmente, o americano Cochran obteve a segunda marca mundial com 51,1 s. e o francês Drifon, com 51,6 s. passa a instalar-se no terceiro lugar da tabela, ao lado do alemão Hoelling e de Mac Bain.

CARTA DO BRASIL

O PREÇO DAS ENTRADAS NOS CAMPOS DE FUTEBOL

(Especial para «Stadium», do nosso redactor Candeias Alvares)

É um assunto que passaremos a focar em virtude dos artigos que lemos nos jornais portugueses sobre o tão falado aumento dos preços das entradas nos campos de futebol.

Protestou-se enérgicamente em Lisboa porque o peão foi aumentado de 8 para 10 escudos, chegando-se até a afirmar que com um pouco mais se levaria a família ao cinema.

Antes, porém, de entrarmos no assunto em questão, queremos informar, e isto referindo-nos à tal comodidade tão apregoada, que se exige nos campos de futebol e que permite até comparações com as estupendas poltronas dos cinemas da nossa capital, que se no Brasil há campos de futebol com instalações excelentes, outros há com elas bem modestas, tal como sucede na nossa terra.

E agora vamos a saber:—Quanto custa o vício do futebol no Brasil?

Se algum daqueles cronistas que barafustaram com o aumento considerado excessivo, não quiserem acreditar nas minhas afirmações, aconselhamos a que façam as malas, atravessem o Atlântico e venham até cá...

Já sabemos que vai haver a alegação dos diferentes modos de vida e condições da mesma, mas até sob este ponto de vista insistimos na efectivação dessa viagem que poderá ser de recreio e de estudo ao mesmo tempo. Sim, porque nada há melhor que ver e crer como apregoava S. Tomé...

Protesta-se em Portugal porque as localidades foram «mujoradas», porque os encargos são grandes ou ainda porque o aumento das cotas por parte dos clubes é fantasia perigosa. É um ror de protestos que chega a fazer aflição. Desculpem os que não concordarem com a minha opinião, mas eu entendo que não há razão para tanto. Vamos pois aos dados elucidativos e concretos.

Preço das entradas para os desafios do Campeonato Carioca de futebol:

Arquibancada (Peão) .. Cr. \$12,00
Bancada lateral..... » \$50,00
Cadeiras de pista..... » \$80,00

Preço para os desafios particulares com carácter «internacional»:
Arquibancada (Peão) .. Cr. \$20,00
Bancada lateral..... » \$80,00
Cadeiras de pista de 120,00 a 150,00

Ora vejamos que tanto os preços do Campeonato Carioca como aqueles que são fixados para os desafios particulares de carácter internacional, são bastante mais caros do que os fixados pela Federação Portuguesa de Futebol para os desafios «internacionais» realizados no bellissimo Estádio Nacional que, diga-se de passagem, não tem nada que se lhe compare no Brasil.

Não poderemos ainda deixar de apontar que os sócios dos clubes quando da realização de desafios indicados em segundo lugar são

obrigados ao pagamento de um bilhete idêntico ao de arquibancada afim de poderem assistir ao mesmo.

Depois disto ainda serão considerados exorbitantes os preços das localidades nas nossas praças desportivas?

Mas temos mais:—Todos os clubes têm na generalidade grandes massas associativas. Sucede que, enquanto no nosso País, para se ser sócio de qualquer dos grandes não é mais necessário que o pagamento de uma joia no valor de 100500 escudos, e 15 ou 20 escudos de mensalidade, usufruindo entre outras coisas, «um lugar» em qualquer circunstância. Aqui no Brasil para se candidatar a sócio de qualquer agremiação desportiva, desembolsará no primeiro dia:

Joia 500 cruzeiros
Carião 10 »
Cota de 50 a 65 cruzeiros mensais.

Será que já bastam estes elementos para acalmar os que reclamam? Disse-se que em Portugal o torcedor não pode sobrecarregar o orçamento com mais 8 escudos mensais destinados ao futebol. Temos de convir no exagero dessa afirmação. Partindo

do princípio que o futebol é uma doença já tornada hereditária, o «doente», mesmo protestando nos primeiros dias, habituava-se e depois lá vai ao tratamento semanal. O que verdadeiramente lhe interessa como lenitivo para a sua «doença» não são positivamente os dois escudos que vai pagar a mais mas sim o «ver» com aqueles óculos de grande alcance que todos nós conhecemos a sua equipa e o «seu melhor do mundo».

E francamente: se ele é dos tais que não janta quando o mais querido perde, o aumento verificado não vai de forma alguma onerar a sua b.lis. Sim, porque se o seu clube perdeu, ele não janta e poupa 20 ou 30 escudos, não podendo por isso lamentar os dois que pagou a mais visto ter embolsado 18 ou 20... E se ganhou, dá-os por bem empregados e ainda leva a família a dar um passeio...

Mas deixamos os termos meio jocosos que temos vindo empregando sem que eles encerrem qualquer intuito depreciativo à opinião alheia e concordemos que não há razão para protestos.

As multidões não são expoliadas injustificadamente. As enormes despesas que os clubes têm a seu cargo com a manutenção das suas principais equipas, e os pesados encargos, justificam plenamente o desejo de um aumento das receitas, para que lhes não suceda o mesmo que na América do Sul, onde somente a caridade de certas pessoas evita a falência de diversas agremiações.

E concluiremos afirmando que Portugal é o País do Mundo onde o espectáculo futebolístico é mais barato.

Campeonato de juniores Segunda jornada

A assistência de alguns clubes provocou, à última hora, um novo arranjo nas séries, e quanto a nós, muito bem salacionado, visto que assim, a primeira fase do campeonato aumentou de interesse, o que não aconteceria caso se mantivesse tudo como de início.

São vinte clubes, divididos por quatro séries, que estão disputando o Campeonato de Lisboa, e destes só doze passarão à segunda fase, divididos em duas séries.

A última jornada foi deveras interessante, tendo-se verificado três vitórias pela tangente, outras tantas por scores mais folgados, e dois empates.

Isto prova um tanto a igualdade, pelo que é de admitir uma lata cerrada em cada série para a conquista dos três primeiros lugares, que dão a garantia de passagem à segunda fase da prova.

Ainda é muito cedo para se admitirem hipóteses, mas prometemos, em melhor oportunidade, referirmo-nos a cada uma das equipas que disputam o campeonato.

A última jornada, primeira em algumas séries, deu os seguintes resultados:

Série A — Agala Vilafranquense-Sacavense, 1-0 e Operário Vilafranquense-Alverca, 3-0.

Série C — Estoril-Atlético, 1-0 e Csn Pin-Csnais, 2-2.

Série D — Estrela Amadora-C. P. 2 e Palmense-Sporting B, 0-2.

Série E — Vitória-Oriental, 1-5 e Belenenses B-Sporting A, 1-0.

No dia 1.º de Dezembro (feriado Nacional) electam-se diversos jogos, e com os do próximo domingo, o Campeonato recupera o atraso provocado pela assistência de alguns clubes e que fez alterar as séries e número de apurados em cada uma.

No nosso próximo número já teremos ocasião de nos referirmos especialmente aos cabeças de cada série e mais para diante aos elementos mais em destaque de cada uma das equipas.

A nossa revista mantém a sua tradicional posição de dar aos «juniores» — futuros azes de amanhã, o amparo e estímulo que eles merecem!

M. Vargas

ANDEBOL

Jogam hoje à tarde uma vez mais no Porto, os grupos representativos das Associações local e de Lisboa; o encontro, que no âmbito nacional é o acontecimento de maior importância, foi este ano combinado para o princípio da temporada, e isso deve prejudicar o seu brilhantismo.

Fôra primitivamente projectado como elemento de estudo para a composição do grupo português que devia defrontar a França; mas, adiado este jogo internacional por motivos imperiosos e conhecidos, os dirigentes entenderam dever aproveitar a jornada livre e manter o encontro inter-regional.

Nada podemos dizer sobre a forma presente dos seleccionados portugueses, mas pelo que vimos nos jogos do Torneio de Preparação e no treino de domingo passado, os jogadores lisboenses estão muito longe do seu melhor rendimento e o resultado da luta deve ser encarado com certas reservas.

O grupo representativo da capital, que partiu ontem de automóvel para ir dormir a Coimbra, de onde seguiu para o Porto esta manhã, depois de almoçar, incluí três elementos seleccionados pela primeira vez: o belenense Matos dos Lopes e os sportingistas Rui Lanceiro e Salgueiro. Os restantes são já consagrados: os gusrd-

redes Palleri e Délio; os defesas Mira e Natividade; os médios Fernando Pereira e Valério; os avançados Pimentel Saralva, Marreiros, Nunes e Seia.

Em resumo: 6 belenenses, 5 «leões» e 2 benfiquistas.

O encontro será dirigido pelo árbitro português sr. Magalhães e o jogo de retribuição só virá a ter lugar para Março ou Abril.

RUGBY

Proseguiu no domingo o Torneio de Preparação e a jornada deu-nos um resultado sensacional e que há muito se não verificava: a vitória do Sporting sobre o Benfica, por 11 6. No outro jogo, entre o Belenense e Agronomia empataram a 0.

E' de salientar a regularidade com que está seguindo a competição e a boa ordem registada no decurso dos encontros, que têm chamado bastante público e, a continuar assim, realizarão a melhor propaganda da modalidade.

Reconhecendo-se embora que o rugby actualmente praticado em Lisboa, ou o mesmo é dizer em Portugal, é de baixo nível técnico, temos que admitir a necessidade de intensificar a prática e multiplicar a actividade, como únicos meios eficientes de progresso e de expansão.

Temos a impressão agradável de que se segue pelo bom caminho, em parte pela boa orientação

dos actuais dirigentes, em parte pelos esforços coligados dos jogadores e clubes; agora, é questão de prudência, disciplina rigorosa e iniciativa sem exageros desproporcionados aos recursos existentes.

VOLEIBOL

O Torneio de Encerramento, com a sua terceira jornada, trouxe a eliminação de mais três equipas, — Benfica, Ateneu e Estoril — deixando outros três em curso: o Lisboa Ginásio com uma derrota, o Técnico e o Internacional invictos.

No domingo, se o «Cif» venceu o Estoril com relativa facilidade (10 15, 13 9, 15 8 e 15 6), se o Lisboa Ginásio houve de lutar com afino para se desforrar do Ateneu (7-15, 11-15, 15-13 15-10 e 15-7), o Benfica deu a nota frisante resistindo valorosamente aos campeões e ganhando-lhes uma partida em «capote», que deve ter sido o primeiro sofrido pelo grupo do Técnico (14-16, 12-15, 15-3 e 8-15).

No estado actual da competição passaremos a ter apenas um jogo em cada jornada e a decisão tanto pode durar, na melhor das hipóteses, três domingos como, na pior, quatro rondas.

Como a Federação pediu superiormente a mudança do defeso, de Dezembro para Janeiro, o torneio enquadra-se perfeitamente no tempo disponível.

Pena é, somente, que se não encontre processo de manter em actividade mais número de equipas clubistas.

José de Eça

VIDA E DESPORTO

PARA maioria considerável de pessoas, a vida é obrigação pesada, pela qual são dominadas em todos os seus actos e pensamentos. Outras, porém, encaram a existência confiadamente, com optimismo e decisão, aceitando os obstáculos como incentivos, a luta diária como a interpretação natural do dinamismo, do esforço físico ou psíquico indispensável ao equilíbrio do organismo; estas levam a vida com o espírito de desportistas e para elas é uma verdade afirmar que a vida é desporto.

A significação da arte de viver, que traduz objectivamente a sinonímia de produzir, de actividade e reacção, é muito mal compreendida por grande número de homens: por todos aqueles que, em vez de viverem, se deixam viver. Não são eles os condutores da sua vida; são as contingências da vida que os empurram, sem iniciativa própria, sem personalidade ou carácter. O Mundo, para esses, é torrente caudalosa sobre a qual figuram de simples corpos inertes, boiões, que as forças exteriores arrastam aos tropeções até completo aniquilamento.

Para os homens que sabem viver, no sentido activo do verbo, a existência é permanente competição que não dispensa a interferência do espírito desportivo para ser conduzida com proveito e resultados fecundos.

O desporto é sempre vida; verdade da qual podemos depreender que a vida, para ser vida, deve ser praticada como desporto, subordinando intenções, acediando a adversidade, acolhendo triunfos, procurando chegar primeiro ou mais longe com o mesmo ânimo entusiástico, a mesma preocupação de lealdade, a mesma fé e idêntica persistência, que guiam o treino e a luta sob a lei da ética desportiva.

A labuta diária pela vida é o equivalente ao treino do desportista para alcançar melhores resultados; os embaraços, as inesperadas contrariedades e as dificuldades previstas, a competição dos oficiais do mesmo ofício, são, afinal, o adversário que no campo desportivo luta por interesses idênticos, mas antagonicos, e ao qual se opõem — como na vida — vontade e energia, mérito próprio e inteligência, firmeza e audácia.

A gloriosa incerteza do desporto é a dúvida que na vida permite o êxito dos fracos persistentes e nivela, ante a incógnita do futuro, as probabilidades dos que começaram armados para a luta e as daqueles que forjaram com brio e virtude as próprias armas.

S. C.

Ovaticano para o jogo da Tapadinha foi o único que bateu certo; é o segundo consecutivo que temos ocasião de verificar com os nossos próprios olhos! As equipas minhotas é que nos deixaram ficar mal. Mas vá lá uma pessoa prever uma coisa daquelas!...

Na penúltima jornada da 1.^a volta disputam-se os seguintes desafios:

- F. C. do Porto-Sporting (4-1)
- Benfica-Boavista (3-1)
- Belenense-Sp. Braga (3-1)
- V. Guimarães-Atlético (4-2)
- Sp. Covilhã-Estoril
- Lusitano-Olhansense (0-0)
- V. Setúbal-Elvas (2-0)

O jogo do Porto é o principal da jornada. E de tal modo que, se os «leões» ganharem, o melhor que há a fazer é ir pensando no Campeonato que se segue!... A bem do torneio e das suas próprias conveniências, os portugueses hão-de dar tudo por tudo para triunfarem. Talvez consigam o seu objectivo se por acaso lograrem marcar um golo a mais; são coisas que podem acontecer. Mas... o certo é que os «leões» jogam muito!... Se perderem, será por diferença de uma bola. Se empatarem, é porque marcaram o mesmo número de golos que o adversário.

— O Benfica vinha precisando de um jogo tranquilo, propício a sossegadas reflexões.

A primeira vista, a equipa «axadrezada» é o grupo ideal para isso. Mas vendo bem (não esquecer que se trata do Boavista...) também pode ser que não seja! Por uma ra-

Previsões da 12.^a Jornada

são muito simples: já não há jogos fáceis! (Segundo temos lido, porque de volta e meia aparece cada resultado que nos obriga a mudar de opinião). Fácil ou difícilmente, é de prever a vitória do Benfica (se acaso as modificações a que nos tem habituado não vitimarem 50% da equipa). O nosso vaticínio: 4-1, a favor dos pupillos de mister Sad Smith.

— Mais discretamente, o Belenense lá vai afinando o seu «steam», para o que der e vier.

Os bracosenses ainda não perderam o jeito de bater nos «grandes», mas a reiva das Salésias é muito escoregada!... Prevemos o triunfo para a turma azul por 3-1.

— Antigamente, um empate que uma equipa da Provincia impusesse

a outra de Lisboa, era considerado uma proeza! Hoje, se dissermos que o Atlético empatará em Guimarães, os nossos prezados leitores vimaranenses mandam-nos, na melhor das hipóteses, coleccionar selos ou fazer bolinhas de sabão, em lugar de estermosmos este ingrato mister de profeta da bola! Tenham paciência, mas achamos que nós podemos ter palpites como qualquer mortal. O Atlético e o Vitória de Guimarães empatam a uma bola!...

— Até que ponto o Estoril consegue aguentar a embalagem que leva já, desde que sofreu dois empates iguais e consecutivos no seu campo — é a interrogação de momento. Achamos que os amarelos conseguirão vencer mais esta etapa, embora isso desgoste os aficionados covilhenses, que já não simpatizam com o rumo que as coisas estão a tomar. Talvez por 1-0!...

— Lá para o Sul, disputa-se o «derby» algarvio. No ano passado terminou com honra para ambas as partes! Ora quem vai à segunda, também pode ir à terceira. Por tanto, novo empate, desta vez a 2-2, para não se tornar tão monótono.

— O jogo do campo dos Arcos pertence ao número daquelas em que o factor jogar em casa» pode desempenhar um papel decisivo. Queremos dizer com isto que prevemos uma vitória da turma local por 2-1.

Condições de assinatura

Pagamento adiantado

Custo por número	2\$50
3 meses, Esc.	32\$50
6 » »	65\$00
12 » »	130\$00





Lino parece espantado! O alcantarense, num belo golpe, desfez-lhe a investida



Carvalho e Romão não conseguem impedir a jogada de Ben David

ENTRE LEÕES

deu-se o inevitável . . .



Ramalho não pôde evitar mais um gol de Peyroteo...



Em cima: Mas que interessante instantâneo! Jesus Correia dá a impressão de ter tido um grande «desastre» no caminho... Em baixo: Veja-se como Vasques domina a bola...



Fotos NUNES DE ALMEIDA



Ramalho, guarda-redes da Covilhã é um bom ginasta! Mas a visinhança de Vasques e Peyroteo não faz bom cabelo...

Arto está ao ataque. Mas a defesa do Atlético joga com firmeza

ATLÉTICO, 3 F. C. PORTO, 2



Duas boas atitudes de Correia, o seguro guarda-redes do Atlético. Baptista observa o trabalho do seu camarada e está confiante



O nosso redactor, Pitta Castelejo, ouve interessado as declarações do dr. Armando Sampaio

A campanha do telefone retiniu. Apressámo-nos a atender e a inquirir do que pretendiam. Depois de se dar a conhecer, o invisível interlocutor informou-nos de que chegara a Lisboa o novo seleccionador nacional de futebol e que urgia entrevistá-lo. — Tem carta branca, proceda cc no entender, foram as últimas recomendações ouvidas, antes do estalido indicador de que a ligação fôra cortada. Após inúmeras tentativas para localizar o ilustre desportista que reside em Portalegre, resolvemos, quando a descrença quase nos invadia, tentar ainda uma vez mais. De novo o disco telefónico girou e, estabelecida a comunicação, outro amigo — figura muito conhecida pelos seus excelentes trabalhos fotográficos, — forneceu-nos a ansiada indicação. Um táxi levou-nos até à Baixa e daí, a pé, dirigimo-nos para o Hotel onde o distinto médico se hospedava. Não o encontramos porque jantara fora, — com um director da Federação de Futebol, podemos acrescentar. Redigimos umas breves linhas que entregámos na «entrada». No dia seguinte, tivemos a resposta, que transcrevemos textualmente: Posso estar no hotel, ao seu dispor, amanhã domingo, depois das 18 horas.

DR. ARMANDO SAMPAIO

Actual Seleccionador Nacional de Futebol declarou-nos «Revelarei nos primeiros dias de Janeiro do ano próximo; qual a constituição da equipa portuguesa que alinhará em Itália, no dia 27 do mês seguinte»

Comparecemos pouco depois desta hora. Fomos imediatamente recebidos, com a maior cortezia e gentileza, e cedo se estabeleceu uma identidade de gostos e um à-vontade notório, que fizeram durar o nosso convívio momentâneo, precisamente durante 58 minutos. Recolhemos interessantes revelações que, por enquanto, não podemos publicar públicas em virtude de não terem sido presentes, ainda, a entidade máxima do futebol. Ficou-nos a convicção de que o seleccionador nacional sabe bem o que quer e se mostrará irreduzível a pressões clubistas, se elas vierem a esboçar-se e, alheio, por completo, a sugestões intromissoras, partam de onde partirem. Tem já delineado um programa. A seu tempo dar-lhe-à execução, de bem com a sua consciência. Felicidades e boa sorte, dr. Armando Sampaio.

O homem sobre cujos ombros recai a ingrata e pesada tarefa de seleccionar os melhores elementos do futebol português, não é um desconhecido. Durante nove anos prestou o seu útil concurso à Associação Académica de Coimbra, tendo durante três épocas alinhado na categoria principal; duas a médio-centro, — o seu lugar — e uma a guarda-redes, por carência de elementos para o espinhoso lugar. Nas reservas alinhou vezes sem conto, numa eloquente demonstração de espírito de solidariedade e camaradagem pela «malta» da Briosca, acumulando em o lugar de director desportivo, que exerceu durante oito anos, impondo-se pelo fino trato e consciência orientadora, a todos os que com ele privavam. Na temporada de 1937-1938, cursava então o último ano de Medicina, desempenhou o lugar de Delegado da Direcção junto da Secção de Futebol do Sporting Club de Portugal. Acompanhado de Filipe Conrado, tesoureiro do clube leonino, deslocou-se ao seu automóvel ao Norte e trouxe para Lisboa mestre Szabo, a fim de assumir as funções de treinador das turmas sportinguistas.

PITTA CASTELEJO
(Continua na pág. 15)



Posição clássica de Arsénio. Callejas defenderá, entretanto, com serenidade

O ELVAS defendeu-se com energia



O guarda-redes elvensê tem muita categoria. Demonstrou-o constantemente contra o Benfica



Uma boa defesa de Callejas. O avançado benfiquista não chegará a tempo

O seleccionador portuense Alves Teixeira

fala-nos do seu critério e das suas esperanças sobre o futuro da modalidade



ALVES TEIXEIRA

PRIMEIRO falou Acácio Rosa — o seleccionador nacional. E Alves Teixeira, director do «Norte Desportivo», que no Porto tem acompanhado, como bom colaborador, os trabalhos do distinto desportista liboetês, vai dar-nos também a sua opinião.

O andebol, que já teve o seu baptismo «internacional», prepara-se para novos e decididos voos. Acompanhamos os seus anseios, os anseios dos seus amigos. A Revista «Stadium» estará sempre presente nos actos solenes do desporto, e o Portugal-França em andebol, que se prepara cuidadosamente — é bem um acto solene.

Mas dê-se a palavra ao nosso prezado colega northeno. Sem preparação especial, afastando de nós qualquer ideia protocolar, perguntamos-lhe:

— Como aprecia o Alves Teixeira a situação actual do andebol?

— Foi sempre um apaixonado do andebol. Dirigente em tempos passados, quando esta modalidade conquistou um prestígio enormíssimo. Tínhamos no Porto magníficos grupos de andebol e, consequentemente, marcavamos nítido ascendente.

«Agarraram-se muito aos «velhos», não criando novos e a classe do nosso andebol decaiu imensamente. Lisboa progrediu bastante mas a aproximação foi mais operada pela queda dos portuenses.

«Era necessário estimular as provas de juniores. Só tarde se reparou no perigo e agora a recuperação é muito mais difícil.

— A razão do convite feito por Acácio Rosa...

— Nunca deixei de acompanhar religiosamente o andebol. Simpatizo sinceramente com esta faceta do desporto. Bem jogado, é de uma harmonia que encanta. Um convite gentil do meu querido amigo Acácio Rosa, desportista íntegro e conhecedor, que às modalidades chamadas pobres tem emprestado uma colaboração preciosíssima, obrigou-me a seguir com mais atenção ainda os jogos.

«Impôs-me o dever de colaborar com ele e como gosto de cumprir quando aceito, eis o motivo porque tenho sacrificado algum tempo ao estudo das possibilidades dos jogadores do Porto.

— Formou já o seu juízo, com certeza...

— Faltam elementos de controle. Vi apenas jogar os suíços e os espanhóis. Os nossos jogadores são extraordinariamente habilidosos mas são muito refractários ao treino individual. Nota-se na maioria dos praticantes pouco a vontade e precisão no passe e pouca subtilidade na desmarcação — duas bases magníficas para se jogar bem.

«Repare que o bom jogador de basquetebol, vai para o andebol e brilha quase sempre, exactamente porque possui o sentido da desmarcação e está habituado a passar bem.

«É impossível fazer uma preparação rigorosa dos jogadores. Especialmente no inverno. A tarde não se consegue treinar, porque todos trabalham, e de manhã o tempo disponível é muito pouco. Acresce ainda o pormenor dos nossos jogadores não simpatizam com o deitar em-se cedo.

«Possuímos excelentes pedras para formarmos uma boa equipa, mas teríamos que prepará-la com persistência no aspecto técnico e especialmente táctico.

«Não podemos enveredar pelo caminho de arrastarmos oito jogadores ao ataque e onze à defesa. Não dispomos de elementos com essa resistência.

«Quanto a mim — e Acácio Rosa já venceu esse pormenor — há necessidade de arranjar um ataque onde os 5 jogadores possam ocupar todos os lugares. Quer porque a desmarcação em muitos lances será desconcertante, quer, ainda, porque o revessamento dos interiores se tornará facilíssimo, desde que os extremos saibam jogar noutras posições.

«Na falta de jogadores resistentes temos de encontrar jogadores com facilidade de adaptação, de maneira a que asseguremos um quadrado mágico, capaz de aguen-

tar todos os andamentos. Esse quadrado terá de ser ocupado pelos médios de ataque e pelos interiores.

«A resistência a exigir aos jogadores é maior que no futebol, embora o tempo de duração do jogo seja menor. O atleta está mais em actividade e repare-se que a bola se conserva muito mais tempo em campo, uma vez que as mãos comandam melhor que os pés...

«Para a solução dos interiores já apontei o remédio e olhando para o andebol português tenho a convicção de que conseguiremos esses cinco avançados. Resta apenas, para esclarecer, a tarefa dos médios de ataque.

«Com tempo de preparação, podemos à vontade conseguir que os defesas em caso de emergência sejam médios. Para tal basta que tenham rapidez, facilidade de passe e juventude.

«É possível ir aos defesas buscar o amparo que há necessidade de oferecer aos médios de ataque, dada a sua faina cansativa.

«Pretenderíamos, portanto, ter como certos, oito jogadores a defender (guarda-redes incluído) e sete jogadores a atacar. Se somarmos temos quinze e o grupo só pode incluir onze... O elixir já o apontei...

«Já concretizei a dificuldade existente para treinar. Até ao momento realizei apenas dois treinos e a equipa por mim preparada apresentar-se-á assim em frente da selecção de Lisboa.

«Esforçar-me-ei por escolher o maior número de novos possível, trabalhando assim com um alvo no futuro. Todavia nem sempre será de defender a não utilização dos experientes. No entanto, o andebol portuense dispõe de alguns jovens com muitos recursos, exactamente em postos que requerem mocidade. Dar-lhe-ei a «chance», dentro daquela liberdade de acção que me deram, para trabalhar como entendesse.

«Não farei da questão resultado, um caso de vida ou de morte, mas não poderei separar-me do objectivo de conseguir que a equipa marque mais bolas que a outra...

— A Federação foi justa ao indicar o Porto para teatro do Portugal-França?

— Os portuenses estão agrade-

cidos à Federação pela atitude que esta tomou de marcar o encontro Portugal-França para o Porto. Sinto que os desportistas tripetiros corresponderão a essa honra que, aliás, não é mais do que o reconhecimento pelo trabalho desenvolvido. Quero aproveitar o ensejo para realçar a forma criteriosa como a Federação tem orientado toda a sua actividade, dando sempre um nobre exemplo de isenção, assim como a colaboração preciosíssima que o inspector da modalidade lhe tem proporcionado. Só assim foi possível, na realidade, dar vida a muitas iniciativas que ficariam apenas no mundo dos sonhos, sem essa ajuda.

Estamos ao fim da palestra. Mas, como remate, Alves Teixeira disse-nos ainda:

— O Acácio Rosa já definiu a sua opinião. Ele é que selecciona e que conhece o valor dos franceses. Pelas impressões que temos trocado, por aquilo que podemos depreender dos resultados feitos pelos galeses, é convicção minha de que poderemos chegar a um resultado aéreo — tão agradável que poderá ser a vitória.

«Mas o que interessa principalmente, é jogar. É estabelecer contacto com equipas estrangeiras para progredirmos e para positivamente lhe dizermos que além dos defeitos que revelamos, temos também algumas virtudes.

O nosso prezado camarada, também redactor da «Stadium», que no Porto tem queimado parte do precioso tempo na defesa dos desportos considerados «pobres» — basquetebol e andebol com uma afeição extraordinária — havia esclarecido suficientemente os leitores da nossa Revista. Alves Teixeira completou o nosso inquérito — sobre a simpática modalidade e sobre a sua futura acção no campo «internacional». Julgamos que nada mais se poderá dizer!

A. T.

ALMANAQUE
DOS DESPORTOS
340 PÁGINAS — 200 GRAVURAS
Encontra-se à venda na Administração da «Stadium»
para onde deve ser enviada a respectiva importância
Rua da Rosa, 252 — Telefone 31187 — LISBOA
PREÇO DE CAPA — ESC. 40\$00

ARCADIA O DANCING N.º 1
— DA CAPITAL —
Apresenta um grande programa com as super-atrações
TRIO ALONSO
THE DYNAMIC PARTNER
MARILIS DE LAGUNAR
Mary-Mely — Carmelita de Córdoba — Hermanns Rodríguez
— Lita-Aníel e Mabel Valência
e as dinâmicas orquestras
MANOLO BEL e ARCADIA
Primeira Parte de Variedades às 24,15



na capitã do NORTE

Artur de Sousa



Afirmou-se que Artur de Sousa, o celebrado «Pinga», iria reaparecer na equipa do Tirsense. E também que talvez viesse a treinar o Boavista. No primeiro caso, honesta e lealmente aconselhamos Artur de Sousa a não tentar a experiência de reaparecer. Estas coisas são sempre dolorosas, como por várias vezes se tem apreciado, e Artur de Sousa não precisa de fazer experiências arrojadas.

Agora, no segundo caso, achamos absolutamente normal a atitude. Artur de Sousa pode fazer carreira como treinador, e isso mesmo está demonstrando dentro do F. C. Tirsense, hoje com equipa interessante, muito capaz de maiores cometimentos. Onde nós gostaríamos de ver Artur de Sousa era certamente na direcção de novos, brincando com eles na Constituição, aquele campo que assistiu a muitas das suas tardes brilhantes. Mas se não puder ser, que se não prive Artur de ministrar os seus ensinamentos, tudo quanto conhece de futebol. O jogo mais popular precisa sempre dos seus melhores colaboradores.

Stadium

Uma arbitragem

NÃO assistimos ao jogo da Tapadinha, mas algumas informações que até nós vieram deram-nos conta da forma como o desafio decorreu e como alguns elementos se comportaram.

Se bem ouvimos, a grande razão de queixa da equipa portuense localizou-se apenas na parcialidade insistente do árbitro. Foi mesmo a pessoa autorizada de Carlos Nunes que nos disse, à chegada ao Porto:

— O trabalho de um juiz de campo assim prejudica a causa da arbitragem. Joguei futebol muitos anos, fui internacional, enfrentei corajosamente ambientes hostis. Mas não me recorde de ver um árbitro tão claramente ao serviço de uma equipa. Sinto-me até envergonhado, eu que sou capitão geral do F. C. do Porto, o vencido, só em pensar que pode aparecer no futebol um elemento que faça pesar de tal modo a sua autoridade famosa em franco benefício a um só conjunto.

«O futebol precisa de gente que o sirva com imparcialidade e competência. O futebol precisa de se livrar da influência nefasta de pessoas responsáveis na sua boa ordem. É preciso que os clubes se possam deslocar com a certeza de que não são prejudicados tão profundamente, tão indecivelmente, mesmo.

«Nada temos a dizer sobre o público. O público não teve culpa de nada disto. O público, naturalmente, defende os seus, como o nosso defende os nossos, mais enérgica ou menos enérgicamente. O público não nos derrotou, não senhor.»

Foram estas as palavras de Carlos Nunes, que proferiu de um só fôlego. Vários desportistas que regressaram ao Porto, desolados, confirmaram-nas. Temos de lamentar que haja acontecido assim. De facto, os desportistas portuenses esperavam (e enganaram-se) que no campo do Atlético se verificassem incidentes. Pensaram em tudo, preocupados, menos no árbitro...

A ser como nos disseram, não se justifica a atitude. Vai sendo tempo da Comissão Central pedir responsabilidades, a menos que ache bem tal estado de coisas.

E já agora, confirmadas outras opiniões, louv-se o clube de Alcântara pelas medidas de protecção postas em prática. Os portistas não se queixaram do público, de nada mais a não ser do árbitro.

Consta-nos, até, que vai ser pedido um inquérito à sua acção. Mais um, pelo nosso lado, achamos que tal não é necessário. É melhor aguentar e... cara alegre!

CURIOSIDADES...

Correia Dias, como informamos, só nos últimos dias resolveu a sua situação com o F. C. do Porto. Mas tudo simples, como sempre sucede com o exemplar desportista.

◆ Acredita-se na seguinte linha avançada do F. C. P. contra o Sporting: Lino, Araújo, Vital, Silva e Vieira.

◆ Foi seguida com muita curiosidade a jornada Atlético-Porto, na Tapadinha...

◆ Há quem assegure que os campeões portuenses farão oportunamente uma visita a Luanda.

◆ Agradou a anulação do concurso feito recentemente, com vista à oferta de uma Taça monumental ao F. C. do Porto. Agradaram mais outros projectos.

◆ A equipa portuense de andebol, que hoje jogará contra Lis-

boa, foi cuidadosamente formada pelo nosso colega Alves Teixeira.

◆ Vai surgir uma grande surpresa. Por via dela, subirá bastante mais de categoria um clube portuense.

◆ O F. C. do Porto reclamou quando à legalidade dos campeonatos nacionais de ciclismo. Parece ter razão, mas esta ainda lhe não foi dada por quem de direito.

◆ As pazes entre o Porto e o Benfica vão ser feitas com toda a solenidade.

◆ Apareceram duas correntes que apreciavam de maneira diferente a não inclusão de Vital, domingo último, no team do F. C. do Porto, contra o Atlético. Venceu aquela que pretendia evitar o mínimo de atritos. Achamos muito bem.

TRIBUNA DOS PORTUENSES

«Crestuma — V. N. de Gaia — Recorro à secção «Tribuna dos Portuenses» para obter uma informação de que preciso. Eis do que se trata: um amigo meu, adepto do S. L. Benfica, afirma-me que o seu clube não perde no Porto, há mais de 8 anos. Eu digo que o F. C. Porto ganhou ao Benfica por 4-2 há menos de 8 anos, num desafio disputado no Lima em 1942 ou 1941, salvo erro. — Manuel Joaquim Lopes de Oliveira — Companhia de Fiação de Crestuma — Vila Nova de Gaia».

Vamos satisfazer a curiosidade do nosso prezado leitor: o F. C. do Porto ganhou no Porto, ao Benfica, por 4-1, no dia 22 de Fevereiro de 1942. Não procuramos outros resultados em vários anos, mesmo depois de 1942. Encontramos este e julgamos que chega para o esclarecimento pedido.

MOSAICOS

nortenhos...

A ATITUDE SIMPÁTICA DE FANDIÑO

O interior-esquerdo argentino, como já dissemos, apresentou à direcção do seu clube, por intermédio de Scopelli, treinador, um pedido de licença, por algum tempo, ou definitivamente, visto sentir que a sua força física estava em crise.

Não aceitou o motivo alegado a gerência dos campeonos do Norte. Fandiño foi colocado em descanço, mas não dispensado. Na actual emergência, porém, Fandiño era necessário, e colocou-se imediatamente à disposição do seu clube. Esta atitude de um atleta estrangeiro torna-se simpática e por certo será devidamente apreciada.

CORREIA DIAS NÃO SE IMPORTA DE IR PARA

A «RESERVA...»

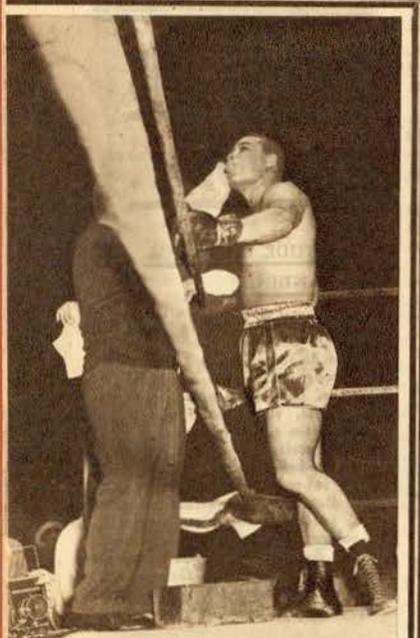
O excelente desportivismo de Correia Dias revelou-se mais uma vez. Colocando-se à disposição do F. C. do Porto, Correia Dias afirmou aos seus directores que jogaria no lugar que lhe indicassem e em qualquer categoria. Não era de esperar outra coisa do antigo avançado-centro portuense. Correia Dias não conhece outra equipa, e embora tenha sobre o futebol uma opinião diferente, em relação a muitos camaradas, é sem dúvida um elemento sensato e dedicado.

Podemos garantir que o F. C. do Porto não procurou o concurso de Correia Dias, nesta altura. Este é que fez o possível por se apresentar ao serviço. Uma demonstração do seu amor à camisola.



Lourenço avança no seu estilo habitual

NOVA VITÓRIA do ESTORIL



O guarda-redes setubalense prepara-se para devolver uma bola com os punhos



Fotos MANIQUE

Nova defesa do guarda-redes de Setúbal



Miss Osborne, encantadora menina de treze primaveras rutilantes é campeã de Inglaterra de patinagem artística. Convidada a mostrar aos parisienses o primor dos seus dotes apresentou-se no «Palaio des Sports» e aqui a temos a executar a volta de saudação, no final do seu aplaudido trabalho

DOMINGOS CADETE

— UM NOVO QUE SE PREPARA PARA BRILHAR ENTRE OS ASSES DO FUTEBOL



Há sempre expectativa no começo de cada época de futebol, quando se fala em que determinado clube apresentará novos «recrutados» nas suas fileiras. E os que menos sabem esconder a ansiedade, são sempre os sócios desse mesmo clube.

É natural. Eles «vivem» demasiadamente a vida da agremiação a que se «prenderam», para que possam alhear-se dos seus problemas, deixar de sentir as suas tristezas ou desinteressarem-se das suas alegrias. Com o Benfica, com o mais pequeno e «apagado» clube do mais ignorado recanto do país.

Por isso o início da época que está decorrendo trouxe aos apaniguados benfiquistas a interrogação que a todos os momentos formulavam de uns para os outros: — que novos «contamos» para esta campanha?

Entretanto, correu o tempo, e conhecidos que foram os nomes dos que eles iriam ver envergar a camisola rubra, passou a ser de género diferente a ansiedade que condensavam nesta pergunta:

— Que tal será o Paulo?... o Viana?... o António Manuel?... o Alfredo Afonso?... o Mário Silva?... o Cadete?... o...

O Cadete! Pois é deste, precisamente, que vamos ocupar-nos hoje, trazendo a lume as suas primeiras declarações para o público, ávido sempre de conhecer a vida dos seus ídolos.

Recolhemos o que vai ler-se, em meia hora de amena cavaqueira com o novo jogador do Benfica, um elemento jovem — 21 anos esperançosos e plenos de entusiasmo — que aos poucos se tem imposto à consideração dos adeptos do seu clube, e que já hoje goza de popularidade e simpatia entre aqueles «fanáticos» que acompanham semana a semana a marcha da «reserva» do clube «encarnado» no torneio da A. F. L.

Médio de ataque dos «reservistas», Domingos Alfredo de Oliveira Cadete soube conquistar e merecer a chamada ao «team» de honra. Foi há poucas semanas, ainda, que isso se verificou e o nosso jovem provou que não fora merecida a honra.

Apenas topou com uma dificuldade: o lugar pertence a Francisco Ferreira, e Francisco Ferreira é... Francisco Ferreira.

Mas não se sente desanimado por isso. Lutará sempre pelo seu dia. É ele mesmo que no-lo diz:

— Não é pelo facto de saber demorada a minha ascensão à principal equipa, que deixarei de trabalhar e de dar ao Benfica o que sempre ansiei dar-lhe: — a generosidade do meu esforço, o vigor da minha mocidade. «Antes de vir para o Benfica, na satisfação de um anseio que me andava na alma desde que me conheço, já sabia que o Chico Ferreira, felizmente, diga-se, ainda «está para lavar e durar». E nem por isso, concluiu Cadete, deixei de vir...

ROSA DE MATOS

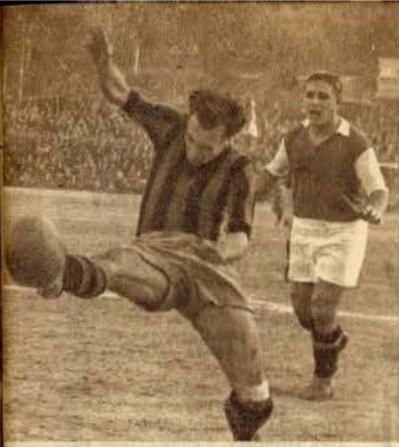
(Continua na pág. 23)



Joe Lois, o «Bombardeiro Bronzado», está a caminho do regresso o rectângulo encantado, onde tantos e sensacionais triunfos recolheu.

Para medir a capacidade da sua resistência, um tanto ou quanto consumida pela magestade do tempo, apresentou-se ao público de Detroit, cidade que o viu estrear-se quando ainda era, apenas, um preto cheio de ambição. Deu-lhe réplica outro negro, o veterano Jimmy Irvins, que se propunha combater-lo a sério na primeira ocasião, mas ofereceu-lhe fraca resistência embora lhe abrisse um sobrolho com um certo impate dos punhos.

O combate-exibição durou apenas seis assaltos.



UMA SURPRESA EM BRAGA

Apresentamos três fases do jogo Braga-Olhanense, que os algarvios ganharam, com alguma surpresa para os amadores. Os campeões do Algarve souberam defender com energia o resultado. Isso pode apreciar-se pela maneira como os seus homens procuram interromper as ofensivas minhotas

Foto BENIGNO CRUZ



LUSITANO vence GUIMARÃES

Duas fases de ataque algarvio (em cima e em baixo). Ao meio, Isaurindo defende com segurança.



União de Coimbra, 1 Académica, 0



Fotos PATRÍCIO

1 — O guarda-redes do União que fez uma exibição formidável defende no momento oportuno a uma bola alta e joga de cabeça. Do lance não resulta perigo

Naval 1.º de Maio, 1 Acad. de Viseu, 1

No decorrer deste jogo, que coloca novamente o Académico no primeiro posto da classificação, o guarda-redes da Naval executa uma defesa

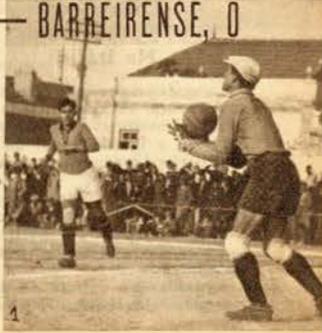


Foto VERUS



O Grupo Desportivo da Cuf do Barreiro homenageou os seus atletas campeões de atletismo, remo, futebol, basquetebol e voleibol. A sessão solene serviu além disso para pôr em destaque a bela actividade da Cuf do Barreiro na educação física e no desporto. O nosso cliché foca a mesa da presidência nessa sessão ladeada pelos atletas ostentando orgulhosos os seus troféus

LUSO, 1 — BARREIRENSE, 0



2. Fotos CINE-FOTO

1 — Salgueiro acorre e defende com segurança. 2 — Bailão, apesar de atacado com energia defende com um soco oportuno

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

BOXE

Nos Estados Unidos

O peso-pesado italiano, Eurico Bertola, venceu Tony Bosnich, por pontos (10 rds.) em São Francisco da Califórnia.

◆ Chegou a Nova Iorque o pugilista Marcel Cerdan, campeão do Mundo de «médios», que vai iniciar uma série de exibições pelos E. U. A.

◆ A crítica americana, de um modo geral, afirma que o austriaco Joe Weidn, protegido de Jack Dempsey, é considerado superior ao suco Tandberg, cujo trabalho contra Don Mogard deixou excelente impressão.

◆ Tein Hoff, campeão da Alemanha de todas as categorias, foi contratado pelo empresário americano Lew Burston, para combater nos Estados Unidos. O contrato tem a validade de dois anos.

◆ Agostinho Guedes, recentemente vencedor do preto Billy Fox, por K-O foi vencido de igual maneira, uma semana mais tarde, por Harold Johnson, que o despatchou em 3 assaltos, na cidade de Filadélfia.

Na Europa

Apesar de um combate magnífico, o belga Jean Machterlinck, pretendente ao título europeu de «semi-leves», foi batido por Farnoch, campeão de França e da Eurora da mesma categoria, por pontos, ao fim de 15 disputados assaltos.

◆ Em Manchester, no Casino Bellewe, o londrino Alex Burton, após um encarniçado desafio, obteve difícil triunfo pontual sobre o franco-polaco Luciano Krawczyk. Na mesma sessão, o veterano Peter Kane foi largamente dominado por Stan Rowan, por pontos.

◆ Em Lugo, o campeão italiano de «médios», Mitri, pretendente ao título europeu que detem o belga Delannoit, triunfou por pontos (10 rds.) sobre o campeão de Guadalups, Barthélémy, que se defendeu muito bem e foi sempre agressivo.

TÊNIS

Cochet vencido na Dinamarca

Em Copenhague, no decorrer da terceira jornada do campeonato internacional de ténis, o jogador Ulrich T. ganhou ao francês Henri Cochet por 10-8 e 6-2.

◆ André Jaquemet, excelente tenista de primeira série, vai passar ao profissionalismo juntando-se a Yvon Pétra e Pierre Pellizza, seus compatriotas, que o público lisboeta bem conhece.

◆ Durante o torneio do Ténis Club Franco-Ingles, de Dinan, o conhecido Jean Borotra voltou a triunfar na final, derrotando Bousus por 6-2 e 6-4.

◆ Jack Kramer e Bob Riggs estão em contacto com vários empresários parisienses para realizar um giro pelas principais cidades francesas.

Bela ocasião se quisermos vê-lo actuar em Portugal.

FUTEBOL

Em Inglaterra

O Newcastle United, após 13 anos de permanência na 2.ª Divisão da Lig, voltou a marcar uma posição importante no agrupamento superior. Vencendo o Arsenal no seu próprio terreno de Highbury, por 1-0 — graças à infelicidade de Mercer, introdutor do esférico nas próprias redes — ascendeu à 2.ª posição atrás do Derby County, mas à frente de Portsmouth e dos Arsenalistas.

◆ Os desafios da 19.ª jornada do Campeonato da Liga Inglesa (1.ª Divisão), realizados no último sábado, produziram verdadeira sensação, por via dos resultados.

Dos quatro primeiros classificados, Derby County, Newcastle United, Portsmouth e Arsenal, só o penúltimo conseguiu triunfar, ganhando aos arsenalistas por 4-1. O leader perdeu com Manchester City (2-1) e o Newcastle, depois de seis vitórias consecutivas, cedeu o passo ante o último do 1.º (3), o Huddersfield (4-2), no seu próprio terreno.

Apesar disso, a classificação pouco alterou.

Derby (23 pts), Newcastle e Portsmouth (23) continuam na frente. Depois vem o Charlton — empatou com Blackpool, sem tentos — com 21 pts., seguido de Bolton, Wolves e Manchester City (20 pts).

Até às encontram-se: Liverpool, Sunderland e Blackpool (19 pts), Birmingham (18), Chelsea e Burnley (17), Middles e Everton (14), Aston Villa, Sheffield U., Huddersfield (13) e, no couce, Preston North End. (12).

Além dos resultados já mencionados, os restantes foram:

Birmingham-Sheffield, 1-2; Burnley-Bolton, 3-0; Chelsea-Aston Villa, 2-1; Everton-Sunderland, 1-0; Middles-M. United, 1-4; Preston-Wolves, 1-1; Stoke-Liverpool, 3-0.

Na Itália

Lucques segue na frente do campeonato, se bem que de um modo provisório. Atrás, veem Torino e o Internacional de Milão; Bari e Livorno na cauda do grupo.

Juventus, com toda a sua gloriola dos nomes consagrados — Parola e Boniparti em particular — lesionados está em 13.ª posição num total de 20.

Aguarda-se a estreia do dinamarquês John Hanson com sofre-

NOTA DA SEMANA

O falecido jornalista francês Georges Prade, sobre cuja memória se vão adensando as trevas do esquecimento, escreveu, em dia de feliz inspiração, esta magnífica síntese: «a velocidade é a aristocracia do movimento!»

Seria impossível dizer melhor, e por menos palavras, quanto as compelições onde a rapidez dos músculos, do cérebro, ou da máquina, desempenhem o primeiro papel, se sobrelevam às provas de resistência de força e duração, por mais consideráveis que sejam estas últimas. No atletismo, por exemplo, quando da partida para uma corrida de 100 metros, o estádio enche-se de um silêncio de cláustro, e os corações dos espectadores pulsam mais depressa, sob a excitação nervosa da expectativa.

O sprinter está para o atletismo como o «puro-sangue» está para as proezas do turf. Ambos produzem elevados esforços, perceptíveis com nitidez, num prazo de tempo curto e mínimo. O que chegar na frente, possui melhor fibra muscular e cardíaca, que todos os restantes.

Desde os primeiros passos do desporto atlético moderno, surgiram nos quatro cantos do globo velocistas de profissões. O mais notável foi, indiscutivelmente, o atleta australiano Jack Donaldson, que dominou todos os adversários nos anos de 1910 a 1913, entre os quais figuravam nomes prestigiosos, como A. B. Pastle, C. E. Holtwy, Ruggie Walker e Applegarth, etc.

Donaldson ganhou, a 12 de Fevereiro de 1910, em Johannesburgo, seiscentas libras — importante quantia para aquele tempo — ao triunfar na corrida de 100 jardas contra Pastle, gastando apenas 9 segundos e 2 oitavos, teóricamente superior, como proeza, às que ultimamente se efectuavam.

Depois da Guerra de 1914-18, os desafios entre velocistas de profissão deixaram de se fazer, um pouco por falta de praticantes e muito porque os costumes sofreram a mais formidável das reviravoltas. Assim se tem permanecido mas, agora, parece que o gosto pelos duelos humanos, com forte prémio pecuniário à mistura, volta a ter a sua hora.

Um empresário australiano, H. R. Miller, encorajado pela excelência dos «stemos» conseguidos pelo campeão Frank Banner, acaba de lançar um reptó deversas retumbante aos corredores norte-americanos, Dillard, Patton, La Beach e Ewell, propondo-lhes que venham à Austrália medir forças com o «galgo» dos antípodas.

H. R. Miller oferece nada menos que mil libras, para o vencedor, e 500 para o segundo classificado desse «mat:h» célebre.

Ignoramos se o projecto pode materializar-se ou ficará, apenas, na imaginação do audacioso organizador. Entretanto, deixem-nos crer na sua viabilidade. Nenhum espectáculo poderia ser mais emolvido, nem mais tipicamente humano, que a luta pacífica dos «ases» da cinza, sob a égide de Mercúrio alado, o mensageiro de Jupiter, sem patrono e protector.

Se a velocidade, como disse Georges Prade, é a aristocracia do movimento, as corridas de cem metros assemelham-se ao «do de peitos dos cantores. Talvez o leitor classifique de desproporcionada esta imagem e a julgue produto de fantasia. Atenda, porém, ao júbilo dos entusiastas e ao recolhimento dos espiritos, quando se celebram as provas daquele género, que já a comparação se mostrará natural, lógica e apropriada.

Rafael Barradas

guião mas os de Bongiorno ainda não se prevêem.

Em Espanha

Os resultados da última jornada do campeonato de Espanha foram os seguintes:

Celta-Corunha, 3-1; Terragona-Real Madrid, 3-3; Alcoyano-Oviedo, 2-1; Sabadell Espanhol, 2-0; Barcelona-Sevilha, 2-1; Valencia-Valhadolide, 6-4; Atlético de Madrid-Atlético de Bilbao, 3-2.

A frente da classificação ficam,

Real Madrid e Barcelona (17 pts); Atlético de Madrid, (16 pts); Valencia, (15); Terragona, (14); Espanhol, (12); etc.

Na cauda segue o Sabadell, com 6 pontos.

Na Escócia

Ainda que os Glasgow Rangers deixem o primeiro lugar a East Fife e aos Hibernians, continuam finalistas da Taça da Liga Escocesa, juntamente com Raith, clube da 2.ª Divisão.

(Continuação da página 9)

Escreveu um livro sobre futebol, no nosso prezado colega «A Bola» de quando em vez, a sua prosa fácil e elegante não deixa de aparecer.

Levanta-se uma ponta do véu

E', portanto, um desportista conhecedor que nos elucidou ter sido convidado pela F. P. F. para assumir o cargo de seleccionador, convite esse transmitido pelo capitão Almiro Maia de Loureiro. Embora reconhecendo a grande responsabilidade com que arcou, aceitando, está pronto a servir e a levar a bom termo a sua missão. Deslocou-se a Lisboa para poder aquilatar do valor dos elementos mais representativos das diversas equipas, tendo assistido, para começo, ao Atlético-F. C. do Porto.

— E' meu propósito — afirmou — nos depois — deslizar-me a várias cidades, além de Lisboa, para ver actuar no seu próprio meio, os jogadores que a critica tem salientado.

«Um a coisa é jogar em ambiente costumado e outra fora dessa atmosfera. Para se ajuizar em definitivo é preciso cuidar dos mais ínfimos pormenores e os do temperamento e sensibilidade, são de grande importância.

Proseguindo, exclamou:

— Não me pergunte se já tenho delineada a formação da turma, porque seria forçado a não dizer nomes.

«Tenho, de facto, não uma mas algumas, como o meu amigo também as deve ter. Formar linhas, mentalmente, é fácil e frequente e está ao alcance de todos, pois não é caso virgem surgirem opiniões acerca da constituição da equipa nacional, apresentadas por indivíduos que só conhecem os jogadores... por terem lido a seu respeito o que os jornalistas escreveram.

«A selecção nacional que defrontará os italianos, em 27 de Fevereiro de 1949, indicá-la-ei nos primeiros dias do ano que vem e será submetida, depois, à preparação adequada ao fim em vista.

— Quem treinará a equipa?

— Com franqueza, não lhe posso responder de forma correcta, em virtude de não ter ainda dado conhecimento à F. P. F. do que pretendo fazer. Dir-lhe-ei, no entanto, que o treinador a nomear é competentíssimo e desfruta de prestígio em todos os sectores desportivos, pelo seu apuro e isenção. Com ele assentarei forma mais aconselhável de actuar, para que não surjam descordâncias e tudo corra em perfeita harmonia.

— O recrutamento dos jogadores...

— ... não terá carácter restrito — disse o dr. Sampaio, interrompendo-nos.

— Percebi a intenção da pergunta — continuou — e por isso atalhei. Procurarei encontrar, para cada lugar, o melhor jogador, aquele que, de facto seja o número um. Não me preocupo que a escolha feita possa desagradar em

certo sector ou em determinada localidade. As minhas vistas irão até aos clubes da II Divisão do Nacional, afim de ver o que realmente valem certos nomes de que me têm chegado as mais elogiosas referências.

«Tenho o maior empenho em conseguir um bom grupo, homogêneo, com espirito de equipa, congregando todas as vontades ao fim comum. Terei em atenção as características pessoais de cada um, a sua utilidade e a sua «forma» actual.

— Fala-se de duas equipas. E' verdade? — interrogámos.

— De facto tem fundamento o que lhe contaram. Pediram-me que constituísse duas equipas, a A e a B. A primeira será composta pelos melhores valores actuais e, sem sombra de dúvida, a representativa do país. A segunda, terá a participação dos elementos mais em evidência logo a seguir a queles e defrontará a equipa B de Epanha, em Madrid.

— Quando anunciará a sua formação?

— Este, antes da festa desse prodigioso jogador, que muito admiro e se chama Mariano Amaro. E antes, porque deve jogar nessa festa, contra uma equipa de clube. Dela não farão parte elementos do Benfica, Sporting e Belenenses, cujos quadros, creio, se associarão também à justa homenagem que vai ser prestada a esse atleta. Claro que, é bom acentuar, por tal facto, a constituição da equipa B, não terá ainda a definitividade.

— Tem fé na campanha internacional de 1949?

A resposta não tardou.

— Evidentemente que tenho. Ai daqueles que a perdem! Contudo, a temporada é pouco auspiciosa. Dois jogos são em terra estranha e o outro, embora na nossa casa, é com a Epanha, que trabalha em profundidade para se reabilitar daqueles célebres 4 a 1... que são um pesadelo. Apesar de tudo... a ver vamos. Confio em absoluto no valor do futebol português.

Sem a propósito, falou-se do profissionalismo

Faltava-nos fazer uma pergunta, a última, reservada para fechar.

Porém, abusando da gentileza do dr. Armando Sampaio, tergiversámos e, sem a propósito, disparámos esta brusca interrogação:

— E' partidário do profissionalismo?

— Sou, mas do profissionalismo devidamente regulamentado, para evitar que os atletas se considerem profissionais apenas para receberem dinheiro, esquecendo os seus deveres e obrigações, que teriam presentes e cumpririam integralmente, desde que a sua profissão reconhecida, fosse a de jogador de futebol.

Concluindo o seu pensamento, acrescentou:

— A' sombra do futebol, muitos dos seus praticantes obtiveram situações esplêndidas, — a grande maioria —, privilégio que não lhes

(Continuação da pág. 12)

lançados na entrevista, quisemos saber como viera para o Benfica.

E Cadete elucidou-nos:

— Foi o dr. Vicente de Melo quem me proporcionou a oportunidade por que tu há muito esperav. Se não fosse a dificuldade de conciliar os meus desejos de benfiquista com as exigências da vida, há algumas épocas eu teria envergado a camisola rubra. A oportunidade, porém, chegou e eu recebi-a jubilosamente.

E a concluir:

— Estou no Benfica como o peixe na água... Se assim não fora, teria aceito um convite que em tempos me fizeram, para ingressar nos juniores do F. C. do Porto.

— E' nortenho?

— Sou de Lourosa, uma pitoresca localidade na região do Vale do Vouga.

— Foi aí que enaioi os primeiros pontapés, claro...

— Foi, realmente. Comecei com 15 anos a sentir o gosto que a bola tem... Mas tarde, logo que a idade me permitiu, representei o clube da minha terra, em juniores, e por lá me conservei, subindo sempre, até à categoria principal.

— Que elugara fazia?

— Príncipei a interior esquerdo, mas passei depois para médico.

estava ao alcance se não tivessem pisado os campos. Outros, e estes, em número reduzido, não passaram da vulgaridade ou caíram na desgraça, é certo, mas creio bem, que mesmo sem terem calçado as «botas» não teriam ido mais longe.

«Regulamente-se o profissionalismo e criem-se Caixas de Previdência, Casas de Saúde, etc. para os futebolistas, porque os meios não escasseiam. Se das receitas do futebol são retiradas verbas para tantos fins diversos, porque razão não se há-de retirar, também, a verba reputada necessária para cuidar do jogador profissional?»

Palavras de justo louvor aos seus antecessores no cargo

Não quisemos abusar mais da paciência do conceituado desportista, nem privá-lo da companhia dos seus. Feita a pergunta reservada para o fim, obtivemos esta desasombrosa resposta:

— No meu trabalho haverá um pouco de tudo quanto fizeram os meus antecessores, a quem presto a minha homenagem. A obra, por eles realizada, apesar das críticas que lhes moveram, foi honesta e consciente. O lugar que ora desempenho, — embora não tenha tomado posse oficialmente, o que se verificará dentro de dias — nunca foi confiado a ignorantes. E' injusto quem tal pense. A esses homens que me antecederam, se não lhes safu tudo como gizaram, não foi por falta de competência, mas sim, por motivos estranhos à sua vontade. Esta, a minha maneira de pensar.

— E qual dos dois prefere?

— Adapte-me melhor a médico, o que não quer dizer que não gostasse de ser interior. Entretanto, estou pronto para preencher o posto que me for determinado, de harmonia com os interesses do meu clube, que coloco acima de tudo. Para servir o Benfica com dedicação, cumprirei o melhor que souber e puder.

— Gosta de jogar no Benfica, pelos modos?

— Já lhe disse que foi esse, desde sempre, o meu maior desejo. Ignorava, contudo, que a dedicação que sentia pudesse vir a tornar-se maior. Sei-o hoje, desde que vesti esta camisola rubra, símbolo de uma glória que não perecerá...

— Confia, então, em que o seu clube possa contar com o melhor classificação do que a actual, no Campeonato da I Divisão?

— Absolutamente!

— Como se sentiu quando foi chamado à equipa principal?

— Como o jovem estudante a quem se prometeu um relógio de pulso se passar no exame e vê chegado o dia de ostentar, vaidoso, o prémio da sua aplicação e assiduidade. Tal como faria o estudante, dedicando-se com afinco para merecer novo prémio no final do ano seguinte, assim eu procurei jogar com alma, com genica, cheio de vontade de acertar e de merecer a honra que se me deu.

— Conta fixar-se no primeiro «steam»?

— Não é fácil. Tenho o grande Xico Ferreira à minha frente... A não ser...

Com o espirito aguçado pelas reticências, não resistimos.

— A não ser...

... que me destinem outro posto na equip. Se assim for, hei-de procurar cumprir, tal como fiz contra o Atlético, a médio de ataque.

— Quais os jogadores que mais gosta de ver actuar?

— Francisco Ferreira, Félix, Moreira e Araújo.

— Que impressões tem dos seus camaradas de clube?

— As melhores. Vim encontrar no Benfica uma camaradagem difícil de prever em clube de primeiro plano. Todos me acarinharam e estimam, vivendo-se em ambiente magnífico.

— Para terminar, diga-nos: — qual é presentemente a sua maior aspiração?

Puzemos a pergunta, cientes de que a resposta visaria o alvo de todos os futebolistas, a meta de todos os praticantes do desporto, — a internacionalização.

Porém, a modestia de Cadete manifestou-se desde logo, com esta resposta:

— Corresponder o melhor que puder ao amparo que sinto estar a ser-me dado pela massa associativa do Benfica. Em cada benfiquista presinto um amigo; por isso quero pagar essa amizade com dedicação, e jogando sempre com o maior entusiasmo.

E a terminar:

— Além de que é esse o dever de todo o atleta do Benfica.

Pitta Castellejo

Rosa de Matos.

A N D E B O L



Hoje no Porto disputa-se o XIV encontro entre as selecções de andebol de Lisboa e da capital do norte. Domingo último, como preparação para esse jogo efectuou-se um treino dirigido por Acácio Rosa, seleccionador nacional e de Lisboa, desta modalidade, e a que compareceram Délio, Polleri, Marreiros, Aguilar, Pimentel Saraiva, Seia, Salgueiro, Nunes, Valério, Nascimento, Lanceiro e Matos Lopes.

R A G U E B I



Continua no domingo o Torneio de Abertura promovido pela Associação Regional. Belenenses e Agronomia (em cima) disputaram um encontro enérgico mas que concluiu sem vencedor — um empate 0-0. Em baixo: no decorrer do jogo Benfica-Sporting que os «leões» ganharam por 11-6.

Uma vitória do BENFICA



O Sport Lisboa e Benfica, disputando um renhido torneio de 2.ª categorias, obteve justa vitória. Apresentamos a sua equipa, acompanhada pelo treinador Thed Smith, o professor de ginástica Cândido Tavares, antigo guarda-redes, e pelo seu maçoquista



DESPORTOS DA BOLA

O voleibol e o basquetebol continuam desfrutando do interesse dos seus numerosos adeptos. Bons grupos de jogadores e bons entusiastas animam as duas modalidades, de que publicamos dois instantâneos obtidos no decorrer dos jogos de domingo passado. Em cima: no jogo de voleibol entre o Técnico e o Benfica (3-1). Em baixo: no encontro de basquetebol Benfica-Lisboa Ginásio, a bola vai ser lançada ao cesto...



Uma legenda adequada, para este belo instantâneo do desafio de futebol entre as equipas profissionais de Gales e da Inglaterra, seria assim redigido: «dez ingleses ganham a onze galenses, por 1 bola a zero, no Villa Park.» Assim foi, com efeito, porque Laurie Scott defese direito inglês deixou cedo o terreno, com uma distensão muscular, e Ffaney (à esquerda, vestido de branco) só com grande custo marcou o belo tento que Hughier, apesar da estrada magnífica, não conseguiu segurar